

# Em Paranapiacaba, a morte perpetuada

0 Comentário(s)  Comunicar erros      

Ademir Medici

Remigio Todeschini foi ao Festival de Inverno de Paranapiacaba e aproveitou para visitar o cemitério-museu da vila ferroviária, o Bom Jesus. Estudioso dos acidentes e doenças profissionais, Remi observou os vários jazigos de trabalhadores da antiga estrada de ferro São Paulo Railway mortos no exercício da profissão.

Desde a construção da ferrovia e até a metade do século 20, os jornais paulistanos mantinham correspondentes no Grande ABC, então chamado município de São Bernardo. E os vários casos de acidentes ferroviários eram matéria obrigatória, daí os tantos registros reprisados aqui em Memória.

Agora, o olhar de Remi, sindicalista que dirige a antiga Caixa de Pensões dos Servidores de Santo André, atual Instituto Municipal de Previdência.

A construção da história passa, também, pela periculosidade profissional, quando a prevenção de acidentes apenas engatinhava, tanto que foi comum o trabalho de menores em ambientes perigosos.

Acidentes fatais no trabalho ferroviário

Texto: Remigio Todeschini

O nascimento da Previdência no Brasil (1923) teve como principal componente de luta os ferroviários da Santos-Jundiaí. Trabalhadores em geral ficavam sem proteção quando adoeciam e seus familiares não tinham pensões em caso de mortes.

A proteção contra acidentes veio em 1919, devido aos constantes acidentes. Interessante ver que essa acidentalidade fatal era uma constante entre os ferroviários, e isso pode ser observado visitando o cemitério perto da Igreja de Paranapiacaba, em Santo André. <TB>Em recente visita feita ao cemitério, observam-se algumas lápides relativas a acidentes. Três delas são de dois foguistas e de um maquinista ocorridas entre 1920 e 1924.

As lápides são lacônicas: aqui jaz João Silvério de Miranda, foguista, que morreu no seu posto no dia 14-6-1920; João Appolinario, maquinista, que morreu no mesmo dia.

Há outra lápide perto do muro do cemitério que, meio apagada, mostra que o foguista José Silvano

Leme morreu em 1º-4-1924. Os três casos com a homenagem póstuma da Railway Company.

A pergunta que vem: como foram esses acidentes? Em que situação morreram no posto de trabalho? Ocorreram esses acidentes na descida da serra?

Essas e outras mortes, já que muitas lápides estão sem inscrições, poderão elucidar o duro e perigoso trabalho que os ferroviários estavam submetidos no fim do século 19 e início do século 20.

Também acidentes fatais continuaram ocorrer nos anos de 1970, como o de Silvério Ramos em 8 de junho de 1971, cuja inscrição na lápide diz: 'Falecido em consequência de seu amor ao trabalho'.

Talvez por meio da página Memória se possa reconstituir a memória desses acidentes, importante para a história operária do Grande ABC.

#### NOTA DA MEMÓRIA

Prezado Remi, cada uma dessas datas que você registrou nas campas conduz à imprensa paulistana da época, com os seus Correio Paulistano, O Estado de S. Paulo, Diário Popular, La Fanfulla e outros jornais.

Normalmente os acidentes são pormenorizados nas páginas, os mais graves com 'suítes' ou desdobramentos noticiosos.

Memória tem feito leitura sistemática dos jornais de então. Anotamos os casos. Divulgamos cada um, como os dos três operários portugueses atropelados em 1916 no Alto da Serra quando faziam trabalhos de manutenção das linhas e não viram, nem ouviram, a chegada da composição que os pegou em cheio. A neblina, ainda mais intensa do que nos dias presentes, foi a principal causa daquele episódio, dizem os jornais.

Até recentemente a Ferrovia distribuía ao longo das linhas ferroviárias advertências do tipo: 'Pare, olhe, escute' – certamente em função dos casos registrados.